

## Ética Cristã e Cultura Africana

Cordovilla Pérez, J. (2009). *Cosmovisão cristã para uma ética global*. Maputo: Edições Paulinas

### Autora

Josefa Cordovilla Pérez viveu muitos anos em Moçambique desde 1975 e durante alguns fez uma investigação de que resultou uma tese de doutoramento. Este livro é uma síntese dessa elaboração desta mulher que viveu no meio dos makhuwa lomue.

### O livro

O livro - *cosmovisão cristã para uma ética global* - situa a investigação entre 1992 e 2002.

Logo na introdução, a autora formula algumas questões fundamentais:

Qual é a ética que a cultura tradicional africana transmitia à juventude? O que deve transmitir aos jovens de hoje? Que valores e critérios de vida continuam a ser válidos hoje e ajudam a que a pessoa não se perca no anonimato da globalização ou se fragmente na moderna sociedade africana?

Mais à frente, insiste em mais questões:

Como entende cada povo, cada cultura e cada época o «humano»?

O «humano» é um conceito global, ou será antes uma realidade concreta, fruto da vida de um povo, da sua cultura, das suas experiências e aspirações?

Que é o homem para África? Qual é o conceito do *humano*? Que é a vida para África? Qual é o *ethos* que orienta a moral africana? Que lugar ocupa Deus na cosmovisão africana?

E tenta responder:

*A tradição africana impõe-se como um todo, um todo englobando todos os seus esforços de totalização e integração. Não há uma ordem dupla da realidade, mas há uma hierarquia dentro da ordem unitária do universo. Esta hierarquia compreende Deus, os antepassados, os espíritos, o homem e a natureza (p.89).*

Podemos então apresentar uma primeira grande questão a partir da investigação da autora: Como tornar o planeta terra, um lugar habitável, também para as gerações futuras? Como conseguir um mundo mais solidário e mais fraterno, sem excluídos?

Segundo Núñez (2008)<sup>1</sup>, o mundo globalizado oferece muitas possibilidades de comunicação e de encontro interpessoal, mas também cria particularismos e discriminações.

---

<sup>1</sup> Núñez, M. C. (2008). *Francisco de Asís y la ética global*. Madrid: PPC.

A paz, enquanto plenitude de vida, precisa de sentidos integradores que superem o desencanto da pós-modernidade, o individualismo despersonalizador e o relativismo narcisista.

O significado mais antigo da palavra ética é o de residência, de morada, lugar onde se habita. A ética procura, então, construir uma morada acolhedora para toda a humanidade. Os seus ideais, os seus valores e sentidos procuram criar um ambiente hospitaleiro para todos poderem viver em paz consigo mesmos, com os outros, com Deus e com a natureza.

A autora aborda, quanto a nós, uma outra questão fundamental: haverá condições hoje para uma ética global? O que é a ética global? Ética dos mínimos ou dos máximos?

Se a ética mínima se pergunta como construir uma sociedade justa, a ética dos máximos interroga-se sobre como ser feliz. A primeira é exigível e a segunda é desejável.

As éticas dos máximos tentam dar razão ao fenómeno moral na sua complexidade e entendem a moral de uma forma feliz. Parte do imperativo ético: se queres ser feliz, então deves... porque é o modo de alcançar a felicidade.

No entanto, as éticas dos máximos deveriam perguntar-se, não porque é preciso ser feliz, mas como fazer para ser feliz. A resposta não pode referir-se ao fundamento, mas ao modo de ser.

As éticas dos máximos são éticas conciliatórias, éticas que convidam ou dão conselhos a partir da experiência vivida na primeira pessoa ou a partir da experiência herdada de quem merece confiança.

Uma ética dos máximos passa filosoficamente pelo utilitarismo e pela moral como a cristã. O utilitarismo explica a existência da moral pela tendência de todos os seres vivos à felicidade, entendida como prazer e propõe como critério o maior prazer para o maior número.

O cristianismo será também uma moral dos máximos, num Deus revelado por Jesus Cristo que tem como mensagem o amor de Deus e do próximo.

Se o cristianismo quer ser uma moral, na realidade é mais do que uma moral, será uma moral dos máximos que convida ao amor.

No que diz respeito à moral dos máximos individuais refere-se à felicidade de pessoas concretas e é preciso reconhecer que, não só são conciliatórias, mas únicas e irrepetíveis.

Por isso, a religião na vida da pessoa é mais do que a ajuda a bem querer, de apoio, de consolação e dom, do que exigência e prescrição.

A moral cívica enquadra-se no contexto das morais dos mínimos, daquelas morais que propõem os mínimos axiológicos e normativos, partilhados pela consciência de uma sociedade pluralista.

A moral cívica é hoje um facto. Não, porque os cidadãos das democracias ocidentais respeitem os direitos humanos e os valores das instituições democráticas. A moral não deve confundir-se com o que de facto acontece, com a consciência do que deveria suceder. A moral ocupa-se do que deve ser.

Esta autora contribui de forma científica para a reflexão e para a construção da democracia, da cidadania, da relação entre pessoas e grupos; numa palavra, para a ética civil, para a educação civil.

Professor Doutor Adérito Gomes Barbosa

[aaderitus@gmail.com](mailto:aaderitus@gmail.com)

Investigador Convidado

Instituto Integrado de Apoio à Investigação Científica  
da Universidade Católica de Moçambique